

Instrumentos musicais de Moçambique

«Como primeiro instrumento originário do homem podemos considerar a voz, instrumento melódico e o bater das palmas e dos pés, instrumento rítmico. Estes instrumentos nunca deixaram de servir e encontramo-los em muitas sociedades. Além disso, desenvolveram-se, através dos tempos, instrumentos musicais mais ou menos bem elaborados com os materiais que

o ambiente natural fornece e conforme o grau da evolução técnica dos diferentes povos. As influências de outras culturas são aproveitadas e os instrumentos difundidos sofrem transformações dependentes das possibilidades e condições locais».

(Margot Dias, em «Geografia», 1966)



Chocalhos primários

Os recursos instrumentais à disposição dos músicos moçambicanos estão usualmente limitados aos tipos de instrumentos que as suas comunidades respectivas especializam. Esses instrumentos podem ser de origem local, ou introduzidos a partir de outras zonas. Podem mostrar peculiaridades locais nas suas formas, a construção, assim como a afinação. Porém, as semelhanças dos instrumentos de Moçambique, nas suas características básicas, independente da forma, são notáveis.

Deve ser notado que, embora o agregado de recursos instrumentais em Moçambique seja grande, a variedade utilizada por sociedades individuais, encontra-se limitada numa pequena selecção dos quatro grupos que vamos discutir. Esta limitação pode estar ligada a circunstâncias naturais, ou factores históricos gerais. Há certos agrupamentos étnicos, por exemplo, que utilizam poucos tambores. Nesses casos a complexidade rítmica é demonstrada por meio de bater palmas ou movimentos corporais. Também são evidentes diferenças nos recursos musicais dos povos que viviam tradicionalmente no planalto e aqueles que viviam no campo mais montanhoso — por exemplo, a distribuição de certos tipos de

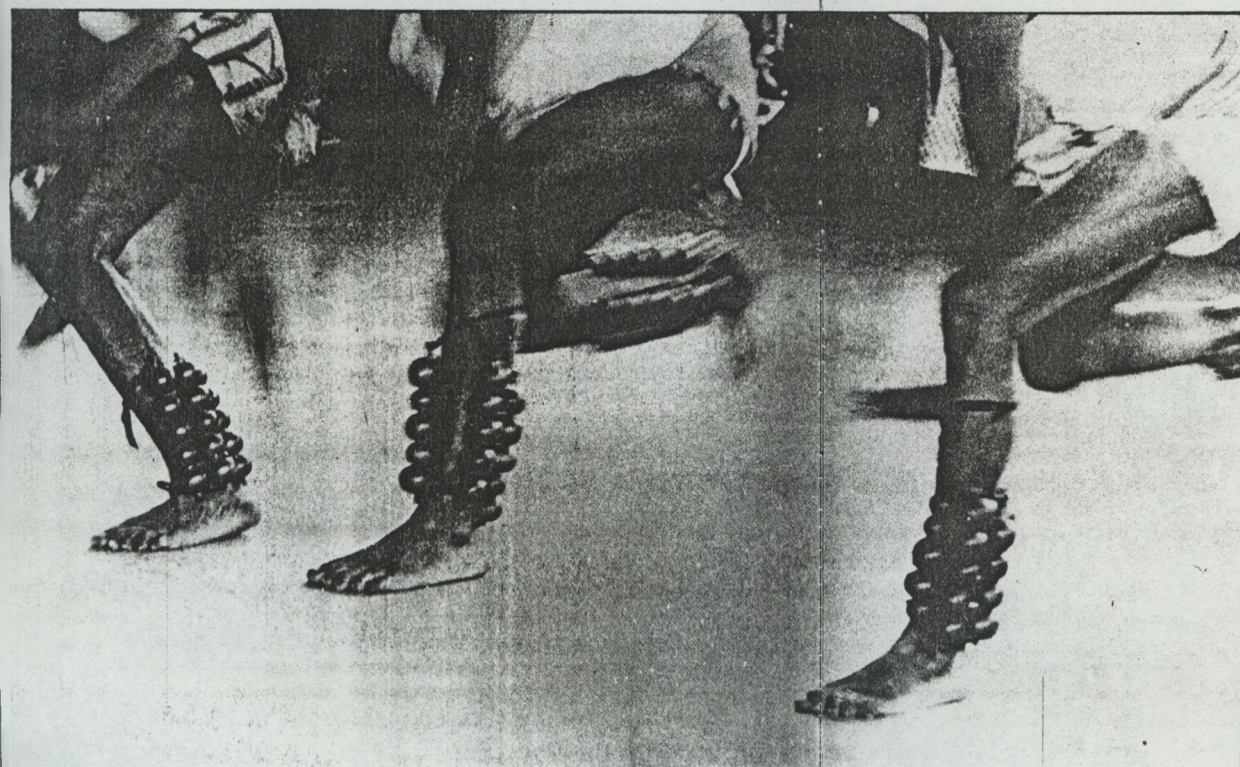
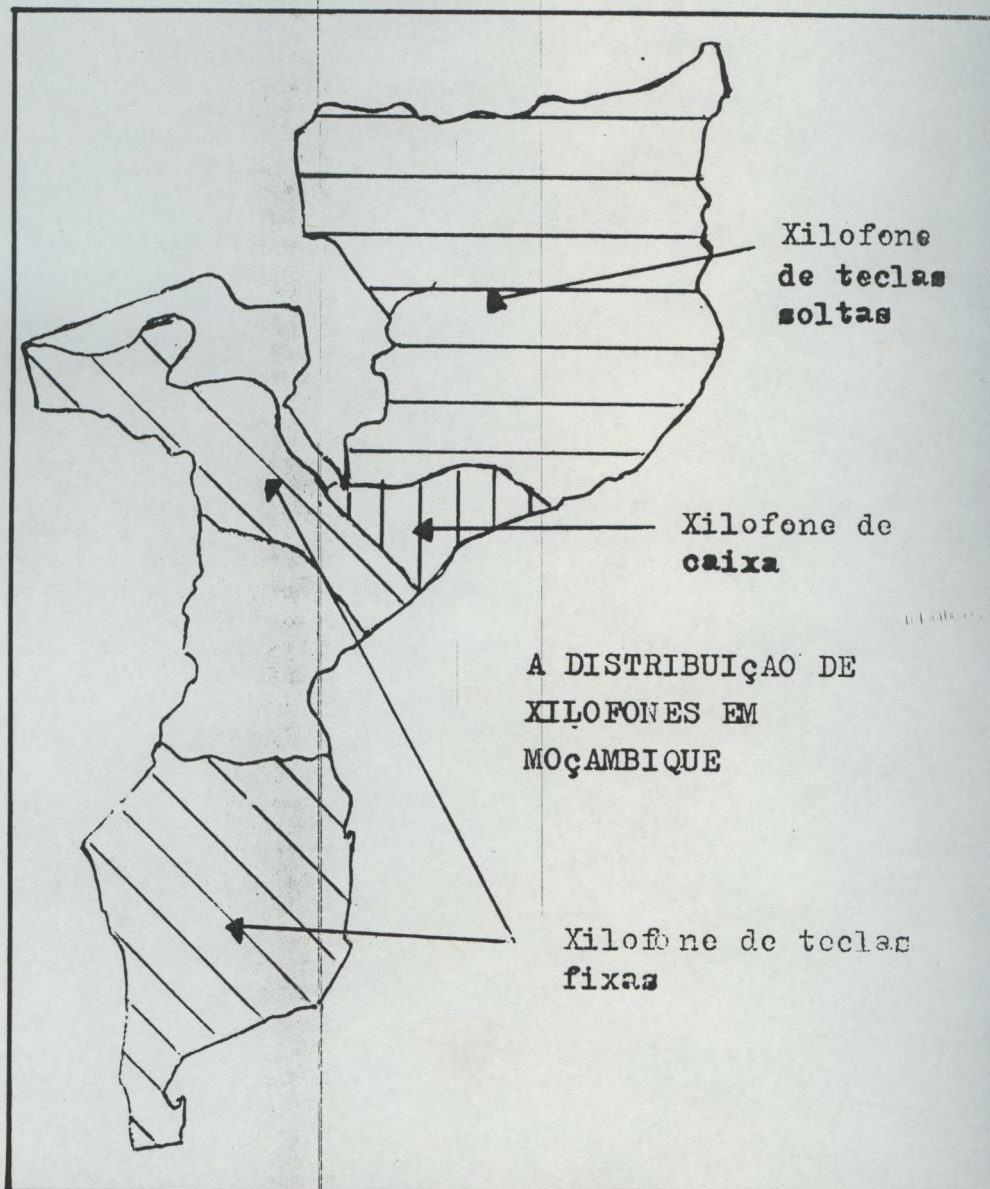
madeira afectaria a escolha de material por parte do músico, assim como a abundância dos animais de que o músico depende para fazer membranas para os tambores, chifres para os cornos, trompetes, etc.

Porém, as limitações ambientais, podem ser vencidas, principalmente através do comércio e de outras actividades que levam povos e culturas diferentes, a encontrarem-se.

Deve ser evidente das observações atrás mencionadas, que o estudo de instrumentos musicais pode ser visto de maneiras diferentes. Podem ser considerados historicamente, em termos de origem e desenvolvimento, ou culturalmente, em termos de função social, utilização, e as crenças e valores associados a certos instrumentos musicais. Os instrumentos musicais podem também ser estudados como objectos materiais, em termos de tecnologia respeitando as formas, materiais de construção e função musical.

IDIÓFONOS

Da variedade de instrumentos musicais encontrados em Moçambique, os idiófonos talvez sejam os mais vulgares. Estes instrumentos incluem também objectos simples que podem ser batidos, vibra-



Chocalhos secundários

dos e friccionados. Os grupos étnicos que em Moçambique não têm uma tradição forte de tocar os tambores (por exemplo os Tsonga) utilizam uma grande variedade de idiófonos para acompanhar as suas danças e canções. Também os grupos que utilizam tambores extensivos (por exemplo, os Makonde) utilizam idiófonos para reforçar a base rítmica da sua música.

A utilização de idiófonos não está só limitada às funções puramente musicais. Alguns são utilizados para chamar a atenção, reunir as pessoas, e também para afugentar animais dos campos cultivados.

Os idiófonos podem ser agrupados em duas categorias principais:

1. Aqueles usados principalmente como instrumentos de ritmo.
2. Aqueles usados principalmente como instrumentos melódicos/harmónicos.

Dos idiófonos utilizados principalmente como instrumentos de ritmo, os mais vulgares e generalizados são os «idiófonos vibrados» ou chocalhos.

Em termos de função dividem-se em duas subcategorias, «chocalhos primários e secundários».

«Chocalhos primários», estão pegados nas mãos, e são feitos de diversos tipos de cabaça ou casca de fruta. Os seus nomes mudam de zona para zona. Por exemplo, temos o «Sekere» e «Mukotcho» (Chuabo) de Zambézia; «Gocha» (Tsonga) de Maputo e Gaza; e o «Nkotcho» de Tete (Nyungwe).

Outro tipo de chocalho de mão é uma caixa de caniço como a «Xikitsi», encontrado por todo o sul de Moçambique e em algumas partes do norte.

(Ex. 1)

«Chocalhos secundários» estão vestidos nos corpos dos dançarinos e são activados pelos seus movimentos. Usualmente são feitos de

casca de fruta, folha de palma, ou pedaços de metal colocados nas pernas, braços ou cintura do dançarino. O «Mere» (Makonde) por exemplo, encontra-se em Cabo Delgado; e o Marrazula (Makua) em Nampula.

(Ex. 2)

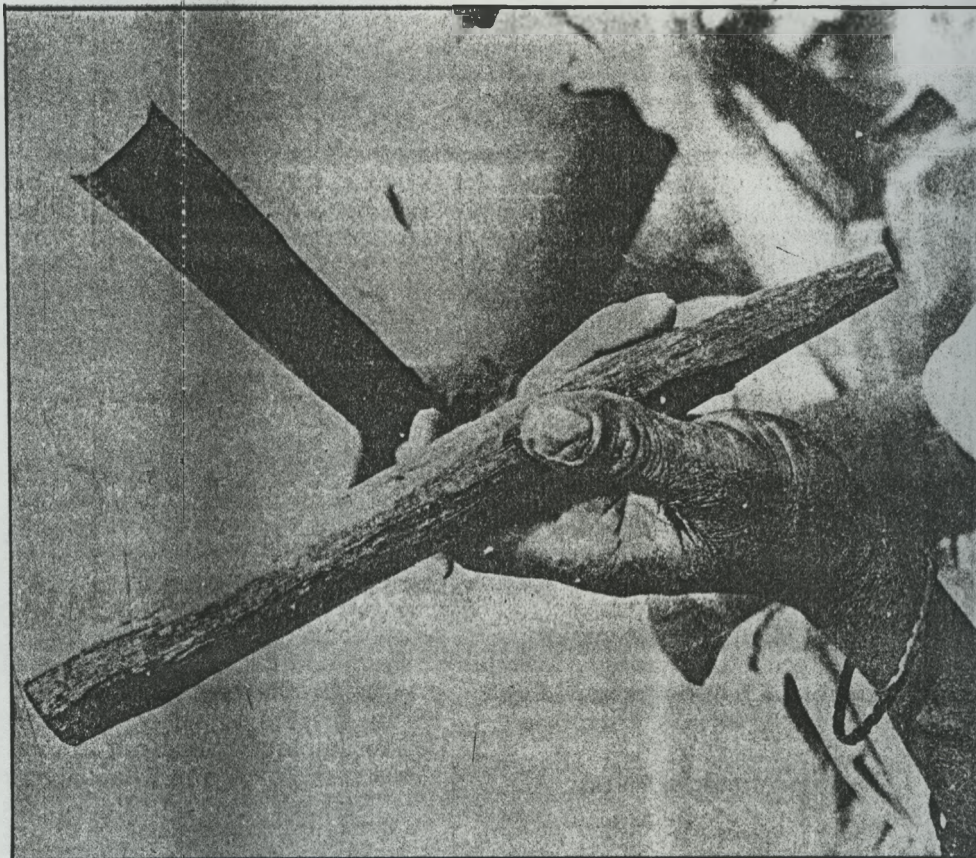
Outro tipo de idiófono encontrado em Moçambique é o «idiófono batido».

Este instrumento pode assumir a forma de dois pedaços de madeira ressonantes, ou ferro, como o «Fer-

mentos da mesma família (idiófonos) que podem ser utilizados para tocar melodia chamam-se «idiófonos afinados», existindo dois tipos principais em Moçambique: o xilofone e o piano de mão (Mbira).

MBIRA

O tipo mais vulgar consiste numa série graduada de palhetas de ferro ou bambu (1), fixadas numa tábua de madeira, às vezes montada sobre uma caixa de ressonância. Usualmente pequenos pedaços de



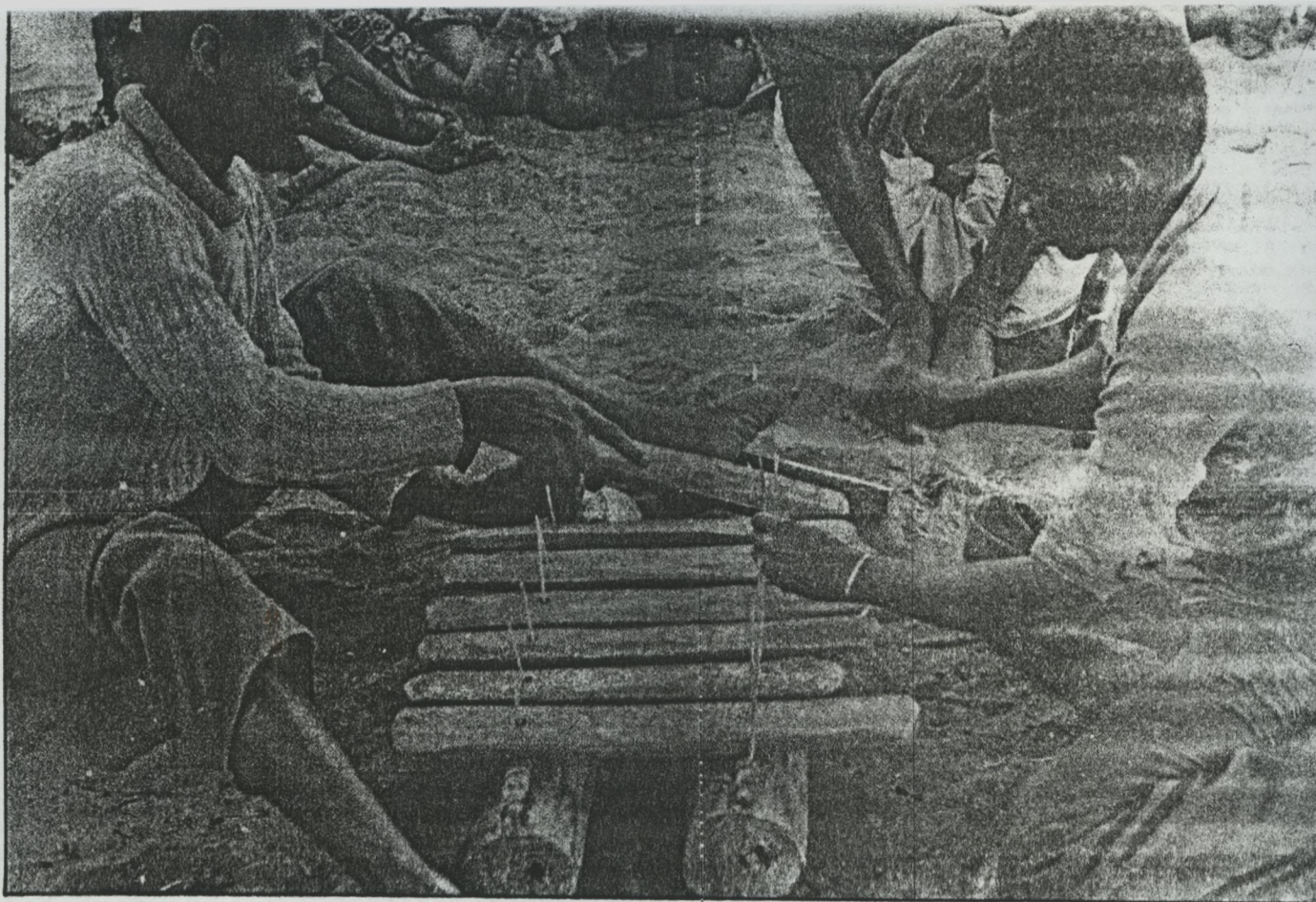
Idiófonos batidos, sob a forma de instrumentos de trabalho

ro» (Chuabo) de Zambézia, ou ainda a «Xakala» (Bitonga) feito de chapa de Inhambane. Outros tipos de idiófonos batidos podem apresentar a forma de um instrumento de trabalho como a «Enxada», por exemplo nas danças «Muthimba, Chilembe e Muthine» (Ex. 3).

Os instrumentos musicais considerados até agora são tocados como instrumentos de ritmo. Os instru-

ferro, tampas, mariscos, etc., são fixados à tábua ou à caixa de ressonância para enriquecer a textura do som. (Ex. 4)

Uma «Mbira» pode ter de uma até três fileiras de palhetas ou teclas. Os mais complexos e sofisticados desses instrumentos encontram-se no centro de Moçambique. Por exemplo, o tipo de «Mbira» conhecido por «Njari» pelos falan-



Mbira

tes de Nyungwe, Manyka e Sena têm duas fileiras de vinte e três até vinte e nove teclas (2).

XILOFONE

Outro idiófono afinado importante e tocado em muitas zonas de Moçambique é o xilofone, que aparece em três formas principais.

1. Xilofone de teclas soltas

Nesta forma as teclas estão montadas sobre dois troncos de bananeira ou coqueiro. Este instrumento não tem uma caixa de ressonância mas utiliza o espaço entre as teclas e a terra para este propósito. Este instrumento encontra-se em certas partes do norte de Moçambique, os Makonde chamam-lhe «Dimbila», os Makua «Dimbila» e os Ajaua «Mangolongondo».

2. Xilofone de caixa

No segundo tipo, as teclas estão montadas sobre uma única caixa de ressonância. Este tipo de xilofone existe em certas partes do

baixo Zambeze e tem o nome de Mambira (Chuabo).

3. Xilofone de teclas fixas

O terceiro tipo tem teclas montadas sobre uma armação de madeira, tendo cada tecla a sua própria caixa de ressonância. Encontra-se distribuído no centro e sul de Moçambique. Alguns dos nomes locais e os povos que o tocam são:

- «Timbila» Chopi
- «Muhambi» Tswa
- «Valimba» ou «Varimba» Sena e Manyika
- «Malimba» Nsenga

As afinações do xilofone variam de zona para zona, e cada grupo étnico/linguístico afina os seus instrumentos segundo as escalas que são utilizadas pelos próprios músicos.

Por além das diferenças nos sistemas de afinação, as diferenças na qualidade de som são evidentes entre os tipos diferentes de xilofone moçambicano. Muito depende da ressonância da madeira, a es-

colha ou número de caixas de ressonância. Por exemplo, os xilofones que não têm caixas de ressonância (Dimbila, Makwilo e Mangolongondo) parecem muito diferentes dos xilofones com caixas de ressonância.

Os xilofones que se encontram em Moçambique podem ser tocados como instrumentos de solo, ou em grupos de dois, três ou quatro. Grupos grandes de dez, ou quinze até trinta, encontram-se entre o povo Chopi. Em algumas regiões do centro e norte de Moçambique vários músicos podem tocar um xilofone único. Por exemplo, dois tocadores tocam o «Makwilo», assim como quatro podem tocar a «Valimba» (Mapa 1).

REFERÊNCIAS

1. Norberto dos Santos Jr. «A Chitata», Revista de Garcia de Orta, 6-2-1958
2. Hugh Tracey «A case for the name Mbira», Africa Music 1961.

JOHN MARNEY

TEMPO — 21/8/83